

SONHO

Sonhei que, num País encantado e distante,
A Fada do Destino, ao acaso, encontrei.
Irradiava doçura imensa o seu semblante;
Do seu poder, confesso agora, eu duvidei...

Deslumbrou-me! o porte fascinante!
Mas tímida, hesitando, alguns passos recuei.
Disse-me ao perceber o gesto vacilante:
«As Glórias? o Poder? a Fortuna? Escolhei».

Efêmeras visões terrenas me ofereces...
Com fortuna, poder ou glórias, não sonhei...
Se me queres provar o artifício que teces,

Concretiza, então, o anseio que me invade:
Só um amor sincero, é tudo o que aspirei...
Amor que ao Mundo vença, e vença a Eternidade...



Ó meu amor! meu tormento!
Chama intensa a crepitar.
Mais ágil que o pensamento,
E mais profundo que o mar!

A GUERRA JUNQUEIRO

A tua alma vibrátil e sensível,
Espelhou os contrastes mais diversos...
Todo o bem! todo o mal!... e inexcedível,
As vibrações sutis dos mineros

Emotivo e rebelde incorrigível...
Entre brados de audácia, andam dispersos:
Um poente de saudade... indefinível...
E uma aurora de sonhos nos teus versos!

Ninguém foi mais veemente e nem mais terno...
Ninguém foi mais humano e mais superno...
Cantor da dor... dos simples... da verdade...

Ódio e amor! Treva e luz! Vício e virtude!...
Tiveram no teu verso a plenitude...
Condestável do Ideal, na Eternidade!...



A dor mais negra e profunda,
Que não tem consolação,
A que mais fere é oriunda
Dessa vil Ingratidão!

QUIMERA

A Lilia Siqueira Ferreira

Que importa sejas só falsa miragem!...
O teu manto de luz, quem não vestiu?
A uma tristonha e insípida romagem,
Quem teu reino irreal não preferiu?

Ao contemplar-te a sedutora imagem,
Quem teu mágo fascínio não sentiu,
Inconsciente, negou-te a vassalagem,
Mas ao íntimo anseio, então, mentiu...

Quem não buscou na paz do teu regaço,
Repouso ao combalido coração,
De dor transido, e exausto de cansaço,

Não sabe o que é fulgir no pensamento,
Esta centelha de ouro da ilusão.
Que à vida empresta um suave encantamento...



Cantigas, embora tristes,
Têm magia singular!
Julgais que é canto o que ouvistes?
É outro modo de chorar.

SUPREMO B E M

Se ao homem, certo anseio lhe é negado...
Este anseio de achar tóda a Verdade!
E viver neste mundo condenado
A pressentir, sòmente a Eternidade,

Dêsse poder divino, ilimitado...
Contentar-se em sentir a imensidade...
E calcular do bem, que lhe é vedado,
Tóda a imponente e austera majestade,

Se é de incertezas, que a nossa alma vive...
Se é de esperanças, apenas, nada mais,
Pelo conforto desta fé, que eu tive,

Bendita sejas Tu, falsa miragem!
Visão consoladora dos meus ais...
Bendita sejas Tu, nesta Romagem!...



Quem desconhece nos olhos,
A etérea luz que os inflama?
Vem dos íntimos refolhos,
Do coração de quem ama.

EVOCACÃO

QUIMERA

A Rosa M. Lubrano

Eu gosto de cerrar os meus olhos ao Mundo...
Na solidão evocar, velada na distância,
Essa quadra feliz, jovial, da minha infância...
E reviver assim, num silêncio profundo,

Não sei, se da emoção, ou da saudade oriunda...
Mas neste êxtase haurir, até mesmo com ânsia,
Como se fôra suave e indelével fragrância,
A lembrança fugaz, que me enleva um segundo!

Revejo o tempo... o tempo em que ainda ignorava
A perfídia, a ambição, todo o horror que há na [terra...
E inocente e ditosa, eu sem ver, contemplava:

Tantas bocas sem pão!... Tantos órfãos sem lar!...
Como um corciliogoso e indomável, - que aterra,
Nos caminhos da Vida, a Dor a galopar!...

*

No jardim de quimera,
Planto sempre uma ilusão,
Não floriu, como eu quisera?
Resta ao menos a intenção.

NO LIMIAR ...

Aminha irmã Dulce Villar
de Lucena Pitz.

Quando a alma já exausta de amargura,
Implora calma e paz à Solidão,
Descendente da lealdade que procura,
Num mundo, de quimera e ingratidão,

Quando percebe a cintilar na altura,
Essa luz de perene duração,
Então compreende tôda a vã loucura,
Dos fogos fátuos que buscou em vão...

Liberta dos grilhões da fantasia,
A alma vê dissipar-se a noite imensa,
E contempla o raiar de um novo dia!

E prêsa da alegria mais intensa,
Volta-se para Deus, na imensidade,
E enfrenta resoluta a Eternidade...

*

Eu sou da terra garrida,
Dos imensos pinheirais.
Não sei de outra mais querida,
Nem que tenha encantos tais!

CONTRASTE

SONHO

A Helena Ribeiro

Acham alguns, que a vida ideal seria,
Sòmente de alegrias e esplendores.
Eu não, Penso que mérito teria,
Uma existência, só, de vãos fulgores?

A estrada, palmilhada dia a dia,
Entre clarões e trevas, riso e dores,
Dá ao espírito tèmpera e ousadia,
Para vencer reveses sem temores.

Quanto estoicismo na alma lutadora!
Com que fé percorre íngremes caminhos,
Confirmando a lição confortadora,

Que a sábia Natureza nos revela:
Entre penhascos, alcantis e espinhos,
É que floresce, sempre, a flor mais bela...

*

Dor sutil que a gente sente,
Sem saber de onde ela vem,
Mas que está sempre presente,
Se estamos longe de Alguém.

A CRUZ E SOUZA

Só teu ideal manteve iluminado
O doloroso e aspérrimo caminho,
Que trilhaste de tudo deserdado:
De poder, de riqueza e de carinho.

Tudo, êste mundo ingrato te há negado.
Mesmo o aplauso ao teu estro, foi mesquinho;
Pensar que foste Tu, o mais culpado,
Quem fêz brotar na estrada tanto espinho!

Indômita altivez te emparedou!
E a intransigência, mais que o preconceito
De raça e côr, é que te separou....

E a pena, só, te ouviu gemer contraste...
Tôda a dor, a exauriste no teu peito,
No teu rebelde coração aflito.

*

«Amor, só com amor se cura»
Não creio no adágio antigo:
Quando é amor, sempre perdura.
Não confunda, meu amigo!

A Benedita de Mello Amaral

Um dia, deixarás, na terra fria,
O teu cansado exausto coração.
Cansado, do labor em que vivias;
Exausto, de amargura e ingratidão.

Não mais a dor, que outrora o compungia,
Conseguirá sangrá-lo, em sua mão.
Não mais o amor, que outrora o eternecia,
Trá-lo-á, nessa amorável ilusão!

Desfeito o encanto, Finda a romaria,
Ficará, qual distorce o fantasia,
A desfazer-se em úmido porão...

Mas a centelha agusta, que o fazia
Vibrar de amor, de dor ou de alegria,
Ela, irá cintilar nessa amplidão!

Aninhou-se em minha alma docemente,
A centelha de um sol que já brilhou!
E que relembra, num palor silente,
Horizontes que outrora iluminou.

O diáfano palor que, como um crente,
De remoto passado conservou:
Da pompa austera do lendário Oriente!
E da Hélade o esplendor que deslumbrou!

Luz fascinante, que afagou Homero,
E despontou, na misteriosa China,
À Li-Tai-pe e Lao-Tse... Luz! que venero.

Essa luz, que aqueceu os corações
De Khayyam ou Petrarca... e assim divina
Fulguiu a Dante!... e acalentou Camões!

Enternecida saudade,
Esta que eu sinto de ti:
Saudade de outra saudade,
De um mundo em que eu não vivi!

Sombra amena nesta vida,
Que acalenta o coração...
Em ti repouso esquecida...
Adorável ilusão!

ASPIRAÇÃO

Eu quisera viver a vida campesina,
Na sua simplicidade infinita e cristã!
Sentir o acerbo adeus dessa hora vespertina,
E o místico fulgor da rútila manhã!

Viver a auscultar Deus, em sua obra divina;
E em tudo o discernir, — com alegria louca, —
Na vida que palpita e na luz que ilumina!
No soberbo esplendor da natureza sã!

E nesse devanear! Nesse deslumbramento
Extático, em que a mente à luz e ao sol se espalma.
Ir pelo empíreo afora, — onde tudo seduz, —

Saciar, na imensidade azul do firmamento,
Este imenso e incontido anseio da minha alma.
Mais ar! mais sol! mais céu! mais paz! mais fé;
[mais luz!

Nesse horto da Eternidade,
Procurei, mas foi em vão...
A flor chamada Verdade,
Desfolha sempre em botão.

ESTOICISMO

Ama a vida, enternecidamente,
Não só por alegrias que hás de ter,
Mas com a certeza indômita, consciente,
Que estás cumprindo apenas um dever!

Ama a vida, ama sinceramente,
Não pelo bem que possas merecer,
Mas pelo ensejo que te dá somente,
De pensar! de lutar! e de vencer!

Ama a vida, mesmo que precisas,
Implorando valor, renúncia e calma,
Teu caminho tingir de áureos matizes.

Da turba vil, o teu sofrer oculta.
No sagrado sacrário de tua alma,
As malogradas ilusões sepulta!

Não há sorriso expressivo
Como o que encobre uma dor...
Efeito decorativo:
Sôbre o túmulo uma flor.

Ó viver, neste mundo ingrato e falso,
Onde só se vislumbram ambições,
E, da ventura, sempre andar no encaço,
Sem fé, sem esperança e aspirações,

Sem ti, Senhor, cuja bondade exalço,
Mesmo em horas de amargas aflições,
Supremo bem, a quem os olhos alço,
Humildemente, em minhas orações,

Seria uma prova áspera e severa,
Por demais rude e por demais austera,
A tão pueris e débeis corações.

Talvez por isso o teu saber divino
Tão nítido, preciso e adamantino,
Semeou a nossa vida de ilusão!...

Não temas em teus caminhos
O espectro da Solidão.
Quantas vèzes, mais sòzinhos
Estamos na multidão...

A FRANCISCO FAJARDO

«Vivo, não vi, que fôsse tão querido,
Morto, não vi, que fôsse tão chorado
Arthur Azevedo

Bendita a mão, que a alheia dor suavisa,
Sem esperar tributo ou gratidão!
E, num gesto de bênção amenisa
Com fervor todo o mal, tôda a aflição.

Bendita seja a voz que cicatriza
As chagas da alma, que sangrando estão...
E ao bem da Humanidade é que escraviza,
O seu piedoso e nobre coração!

Vida, que inda é no Mundo um Evangelho!
De bondade, de altruísmo e de perdão!
Sem negar o conforto de um conselho,

F. o lenitivo ideal de uma oração...
Para todos, o amigo e o irmão mais velho...
Mártir da Ciência! não tombou em vão...

Não há chama feiticeira,
Como essa do teu olhar!
É de tôdas, a fogueira
Em que me quero queimar!

Majestoso e hierático Pinheiro,
Que ergues os braços para o céu a flux!
E a floresta dominas, altaneiro,
Sedento de ar! de sol! de céu! de luz!

Na fimbria do horizonte, sobranceiro,
O teu vulto à lembrança me conduz;
A imagem de um intrépido guerreiro,
Por ti a velar, Terra de Santa Cruz!

O Sagrada Araucária, que venero!
Imponente atalaia da esperança!
Do Paraná, és o esplendor e a graça!

Simbolizas, no porte esbelto e austero,
E na soberba e atlética pujança,
A nobreza e o valor da nossa Raça!

Quero-te mais do que a Vida,
Meu amor! — minha ilusão! —
Mais que a glória prometida,
Só mais do que a honra, Não.

(Conceito, arabe)

O MAR

O mar enturecido alteia-se, e, bramando,
Aos rochedos se lança e estoura, num clamor
Contínuo, espadanando espumas, e, rugindo
Recua, para após, voltar, com mais furor!

Nesse vaivém sem fim, o Titã, estrugindo,
Os vagalhões empina e abate com vigor!
Arqueia o dorso inteiro ao redor esparzindo:
Pânico, desespero, ameaças e terror!

As tempestades da alma exatamente imita...
Ameaçador, se o vento em fúria insana o agita,
Mas, se uma brisa suave e doce o acariciar,

O veremos, então, refletindo o Infinito,
E entre fulgurações de estrélas, no granito,
Na areia, murmurando endechas, se espraiar!

Neste mundo a gente sente
Muito mais o que não vê.
Quem diz o contrário mente,
Nem sabe mesmo por quê...

Sente a saudade do ausente,
E a dor que ninguém vê.
Sente a dúvida inclemente,
Chora sem saber por quê...

EXORTAÇÃO

Peregrinô que passas, desolado,
Pelos caminhos áridos da vida,
Trazendo no semblante, bem marcado
O tormento da estrada percorrida...

Lampeja em teu olhar transfigurado,
O desespero da alma que duvida...
Muitas vezes, como punho até crispado,
Meditas sobre a mágoa já vivida...

Se em vez de na revolta te abismares,
Revigorando, assim, ódios mesquinhos,
Bem menores seriam teus pesares!

Hoje, ferem-te os cardos nos caminhos,
Mas, quando à Pátria Eterna regressares,
Então, tu bendirás êsses espinhos...

DESENCANTO

No meu jardim de Sonho e Quimera,
Eu quisera colher, para ofertar-te,
Em alegre manhã de primavera,
Uma rósea ilusão, para encantar-te!

Foi vão o meu esforço... considera
Procurei sem descanso e em tôda a parte,
Mais eis, que encontro, apenas, fôlhas de hera,
Cobrindo as ruínas do meu sonho de arte...

Poupar-te tanto dano... quem me dera...
Que triste o desencanto que me invade...
O meu jardim é agora, uma tapera,

Batido pelo sol da realidade.
Nêle brotou! cresceu! floriu! e impera
Em vez de uma ilusão... uma saudade!

SER FELIZ!

Ser feliz... Ser feliz? Mas, quem pudera
Dizer: em que consiste o maior bem?
Se o que se anseia... se o que mais se espera,
Se o conseguimos, já sabor não tem?

Se corremos atrás de uma quimera
Como falenas, pelo mundo além?
Sem poder evitar, — ó sina austera!
O desengano que virá também...

Senhor, porque nos deste esta ânsia infinda:
Êste eterno aspirar?... Esta amargura
De ter certeza e duvidar ainda?

Dize: Porque ou quem nos concedeu
Esta ingênua ambição que nos tortura,
De ter o Mundo, mas querer o Céu?

II

«Se andas atraz de um bem sempre a correr,
«Como a perseguir bôlhas de sabão!
«E sem ingênuamente perceber,
«Nem pressentir, de o ter buscado em vão!

«Se não lembras que para o merecer
«Que fizeste no Mundo? Ó meu irmão,
«Não consiste a ventura em receber.
«Mas dar. Dar sem motivo ou com razão.

«Espalha como um Deus por toda a parte.
«Consolo! fé! carinho! e alegria!
«E sem medir o coração reparte...

«Tôda a felicidade só nos vem
«Através dêsse bem que se irradia!
«Fazer feliz! é ser feliz também!»

CURITIBA

A cidade onde eu nasci,
É uma menina faceira,
O seu Nome Guarany,
A torna mais feiticeira!

Contemplo-a embevecida,
Se a geada estende um lençol.
E mais a quero florida
Tôda vestida de sol!

